

“CHINAMAN AND RICEATERS”: migração, racismo culinário e inferiorização chinesa nos EUA Contemporâneo (séculos XIX ao XXI)

Christian Fausto Moraes dos Santos¹
Eduardo Mangolim Brandani da Silva²
Gessica de Brito Bueno³

Artigo recebido em: 11/01/2025.

Artigo aceito em: 02/04/2025.

RESUMO:

O objetivo do artigo é analisar a imigração chinesa para os EUA no século XIX, abordando choques culturais e discriminação racial, especialmente o “Racismo Culinário” direcionado à comida sínica e sua persistência até o século XXI. A inferiorização culinária tem relação com o conceito de território na medida em que essas discriminações se destinavam a um grupo alocado em um território específico, as Chinatowns, portanto a inferiorização alimentar sínica marcava esses lugares. Para a investigação foram utilizadas fontes como jornais, mídias digitais, postais e jogos eletrônicos. As imagens usadas servem como exemplos que atestam a existência imagética do racismo culinário e fenotípico no contexto de 200 anos investigado. A metodologia aplicada na compreensão de tais estereótipos, assim como na formação e interação dos lugares de identidade sínica, foi a descritiva-qualitativa. Dentre os autores utilizados pode-se mencionar Edward Relph, para se pensar o espaço urbano, Michel Wieviorka, que introduz a temática do racismo cultura, Jack Chen, que fez um traçado histórico sobre o processo migratório sínico para os EUA, e Haiming Liu, que fornece evidências sobre as práticas culinárias sino americanas desde o século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação; Contemporaneidade; EUA; Migração chinesa; Racismo culinário.

¹ Professor Associado de História na Universidade Estadual de Maringá (UEM), Pós-doutor em História do Brasil colonial pela UFMG e em História das ciências pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Doutor em História das ciências e da saúde pela fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Mestre em Geografia pela UEM e Licenciado em História pela UEM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5914025585832203> E-mail: chrfausto@gmail.com

² Doutorando em História, Cultura e Narrativas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciado em História pela UEM e Mestre em História, Cultura e Narrativas pela UEM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0826321713568749> E-mail: edu.magnusdomini@gmail.com

³ Doutoranda em História, Cultura e Narrativas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciada em História pela UEM, Graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) e Mestra em História, Cultura e Narrativas pela UEM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6348036602304108> E-mail: iamgessicabueno@gmail.com



“Chinaman and riceaters”: migration, culinary racism and Chinese inferiorization in the Contemporary U.S. (XIX to XXI Centuries)

ABSTRACT:

The aim of this paper is to analyze Chinese immigration to the US in the 19th century, looking at culture clashes and racial discrimination, especially “Culinary Racism” directed at Sinic food and its persistence into the 21st century. Culinary inferiorization is related to the concept of territory insofar as these discriminations were aimed at a group allocated in a specific territory, the Chinatowns, and therefore Sinic food inferiorization marked these places. The research used sources such as newspapers, digital media, postcards and electronic games. The images used serve as examples that attest to the imagistic existence of food and phenotypic racism in the 200-year context investigated. The methodology used to understand these stereotypes, as well as the formation and interaction of places of Sinic identity, was descriptive-qualitative. Among the authors used, we can mention Edward Relph, to think about urban space, Michel Wieviorka, who introduces the theme of cultural racism, Jack Chen, who traced the history of the Sino-American migration process to the USA, and Haiming Liu, who provides evidence of Sino-American culinary practices since the 19th century.

KEYWORDS: Chinese Migration; Contemporaneity; Culinary Racism; Food; USA.

1. Introdução

A veiculação da ideia de que a culinária e a alimentação chinesa são práticas “imundas” ainda possui forte presença no imaginário imagético popular ocidental. Seja a partir do alimento obtido no lixo, ou da ideia de que os sínicos se alimentam de animais domésticos, tais noções presentes no tempo imediato possuem raízes de longo prazo que remontam ao século XIX. Quando se investiga o processo histórico da imigração sínica para os EUA a partir da década de 1820, condição que ocasionou disseminação da culinária desses povos, ficam evidentes bloqueios, preconceitos e a inferiorização sobre tais hábitos alimentícios, onde estereótipos da ideia de que o chinês era um comedor de imundícies germinaram no cotidiano dos EUA.

Este artigo, com base na história cultural e das ciências, explora tanto explicações bioquímicas quanto culturais sobre o apego aos alimentos e a repulsa à alimentação de outras culturas, vinculando o racismo como a base do que é aqui fundado como “racismo culinário”. Levando em consideração a temática da

inferiorização culinária, este artigo também busca entender os espaços e territórios ocupados pelos sino americanos nos EUA desde a década de 1820, considerando como esse grupo se estabeleceu na realidade americana. O interesse surge porque os espaços ocupados por esse grupo, como os primeiros assentamentos e as Chinatowns, não foram apenas locais excluídos e inferiorizados, mas também estigmatizados em relação às suas práticas alimentares tradicionais que carregavam a identidade chinesa.

Dentre as evidências que atestam a inserção dos chineses nos EUA e a elaboração de seus territórios, assim como as formas discriminatórias que incidiram sobre a alimentação desse povo, foram elencados casos de literatura e jornais estadunidenses do século XIX, assim como um cartão postal natalino, os quais todos contêm elementos de deboche e diminuição racial, até casos de mídia digital, jogos eletrônicos e difamações sino fóbicas por redes sociais no século XXI. Esses dados sinalizam uma duração considerável, incluindo o tempo presente, da inferiorização racial direcionada aos migrantes chineses nos EUA, por via da alimentação.

A metodologia aplicada foi qualitativa e descritiva, de forma que a primeira categoria corresponde ao enfoque sobre dados não numéricos, envolvendo evidências simbólico-significativas que englobam práticas de alimentação do grupo imigrante sínico, sua inserção espacial na realidade americana e os preconceitos direcionados à tais receitas (Martins, 2004, p. 292). A qualidade descritiva diz respeito à natureza narrativa do trabalho, que visa compreender e expressar como se deu a imigração e inserção de chineses nos EUA, detalhando as hostilidades espaciais e culinárias, resultantes desse acontecimento (Godoy, 1995, p. 62-63).

A fim de tratar sobre a questão da imigração chinesa para os EUA, a inserção desses indivíduos nessa realidade, assim como a formação de territórios excluídos nas grandes cidades, as Chinatowns, a principal escolha teórica foi a obra “The Chinese of America” de Jack Chen (1980). Com o intuito de destrinchar e detalhar o conceito de território e cidade, de forma a elucidar o debate sobre locais de exclusão no interior do espaço urbano, a obra “Place and Placelessness” de Edward Relph (1976) foi

selecionada. Seguindo a temática da discriminação culinária o referencial teórico “From Canton Restaurant to Panda Express: A History of Chinese Food in The United States” de Haiming Liu (2015) foi a principal obra optada, já que esse material não apenas esmiúça os locais onde a comida chinesa foi produzida, como também detalha estereótipos e a inferiorização direcionadas a essa culinária entre os séculos XIX e XXI. Diferentes aspectos desse processo discriminatório envolvem associações de teor racista, portanto o artigo conduz tais elementos para o debate da existência do “racismo culinário”, conceito aqui fundado que dependeu de aprofundamentos da discussão sobre o “racismo cultural” presente na obra “El racismo: Una Introducción” de Michel Wieviorka (2009).

A conexão entre os conceitos de lugar e território com a inferiorização da culinária chinesa está na segregação dos imigrantes sínicos em áreas, como as Chinatowns, marcadas por estigmas e estereótipos raciais. Nessas áreas, as receitas chinesas produzidas eram depreciadas, condição essa que só é entendível a partir das conotações negativas direcionadas a tais locais. É nesse sentido que o racismo contra os sino americanos ia além das características físicas, afetando também sua culinária. Nesse primeiro momento, a fim de garantir maior entendimento sobre a inserção desses migrantes no cotidiano estadunidense, assim como sobre a inferiorização de sua culinária, há aqui o interesse de se relacionar os primeiros redutos e Chinatowns com os conceitos de cidade, local e território. Isso porque esses conglomerados populacionais ocupam um local na cidade que se constitui enquanto território, possuindo produções internas e recebendo conotações pelos forasteiros (Gottmann, 2012, p. 523-524). Portanto, uma série de discursos e imagens racistas relacionados à culinária sínica são fruto das dinâmicas que ocorriam entre tais imigrantes, em seus territórios, e aqueles externos à tais comunidades.

No período investigado, a ideia de cidade mudou significativamente, começando no século XIX com pequenas vilas e evoluindo para grandes cidades com milhões de pessoas no final do século XX. A cidade pode então ser entendida como um conjunto de grupos humanos e locais funcionais, que desempenham, em

conjunto, funções diversas, como burocráticas, mercadológicas e de moradia, relacionadas ao sedentarismo (Lencioni, 2008, p. 113-117). Ao longo do tempo, as formas assumidas pelos territórios chineses nas cidades e os processos discriminatórios mudaram continuamente. O território define as fronteiras de um lugar e está sempre em disputa, pois envolve dinâmicas de poder no cotidiano urbano. (Gottmann, 2012, p. 523-524). As relações de poder se manifestaram tanto fisicamente nas Chinatowns quanto nos discursos direcionados a elas. No século XIX, esses locais eram já excluídos e inferiorizados, tendo suas infraestruturas negligenciadas pelo poder citadino, mas no final do século XIX e início do XX, esses locais tornaram-se isolados, sendo alvos de discursos racistas que retratavam os chineses como devoradores de imundícies (Chen, 1980, p. 57-184).

Enquanto territórios, os bairros chineses eram também lugares de um cotidiano próprio envolvido por intercâmbios com os locais nos arredores. Dentro desses espaços, as práticas diárias refletiam tradições e ajudavam a configurar uma identidade, especialmente ligada à alimentação (Staniski et al., 2014, p. 2-8). As práticas de um lugar, especialmente as culinárias, desempenham um papel crucial na formação da identidade coletiva de um grupo, seja ao atribuir significado ao mundo, resistir às adversidades ou como forma de exaltação do grupo. Elas destacam semelhanças entre os membros de uma comunidade e marcam diferenças em relação aos estrangeiros (Relph, 1976, p. 44-48). A agressão ao diferente se manifestou em estereótipos negativos sobre a alimentação chinesa, devido às técnicas de preparo distintas, associadas a uma inferiorização cognitiva e fenotípica do grupo.

A inferiorização culinária será nosso tema principal, onde o conceito de território servirá como suporte para nossa discussão, na medida em que isso indica a segregação espacial, e cultural, da população chinesa no período entre os séculos XIX e XX nos EUA. Em um primeiro momento, o texto aborda noções racistas no período estudado e seus desdobramentos sobre as práticas de cozinha, com enfoque na chinesa, como forma de garantir suporte ao debate póstumo no artigo sobre a discriminação da alimentação sínica e a relação disso com seus locais de ocupação nos

EUA. Em seguida o trabalho expõe a longa tradição culinária chinesa e segue em comentar a migração e inserção dos sínicos no espaço americano, situando o surgimento, desenvolvimento e exclusão das Chinatowns entre 1820 e 1900, de forma a delimitar como a comida que era produzida nesses espaços foi alvo do racismo culinário. Posteriormente o texto visa entender como as comunidades sínicas foram integradas às cidades, determinando como a maioria das Chinatowns foram desmanteladas, além de demonstrar que apesar de esforços institucionais para se extinguir o racismo, os preconceitos e estereótipos culinários persistem no tempo presente, porém sem necessariamente serem direcionados a um território específico.

2. Da raça inferior ao alimento menosprezado: Hierarquias raciais e a Métrica gustativa do século XIX ao XXI

O debate sobre a discriminação das comunidades sino americanas e suas receitas tradicionais aborda formas antigas de depreciação cultural, destacando o racismo científico do século XIX e o racismo cultural do século XX, que impactaram nas estruturas sociais e no cotidiano das cidades dos EUA. Esta seção explora as origens e a constituição dessas manifestações racistas.

A ideia de existência de um “outro”, que é distinto do próprio grupo, é antiga e tem evoluído ao longo do tempo, com base em critérios como localização, cultura, religião, política e discriminação fenotípica, sendo esta última a fundamentação do “Racismo científico” do século XIX (Seyferth, 1995, p. 175-176). Desde a época de Heródoto, já existiam obras que inferiorizam o “outro”. Em sua obra *História*, o autor grego estabeleceu uma hierarquia entre os grupos humanos, diferenciando-os com base na cultura e geografia, destacando a superioridade grega (Hartog, 1999, p. 227-255). Nos séculos XVI e XVII, a Europa passou a conceber o “outro” em oposição ao “ocidental”, noção que emergiu da dicotomia, fruto do processo colonial, entre a “Europa” e o resto do mundo, que seria “exótico” (Schmidt, 2015, p. 1-6). Populações asiáticas, como a chinesa, foram enquadradas nessa última categoria, tendo seus valores e práticas, como a alimentação, subjugados.

Diante dos fundamentos religiosos para se explicar as diferenças humanas, autores do século XVIII como Lineu, Blumenbach, Georges Cuvier e Étienne Saint-Hilaire buscaram a natureza para determinar as origens do que foi chamado de “grupos humanos” (Seyferth, 1995, p. 176-177). Esses grupos eram enquadrados na teoria da “cadeia do ser”, ideia de que havia uma escala ascendente entre os humanos, onde os negros eram questionados quanto à sua humanidade, e os grupos “mongólicos”, como os chineses, eram vistos como inferiores, abaixo dos brancos (Santos; Campos, 2014, p. 1216-1228). No início do século XIX, a biologia se tornou a via explicativa para a existência do racialismo, fundando vertentes teóricas do “racismo científico”, como o monogenismo e o poligenismo (Gould, 1991, p. 18-25). Essas teorias do século XIX influenciaram o pensamento popular americano, impactando diretamente na maneira como os grupos brancos trataram e lidaram com os migrantes chineses nos anos 1800.

O monogenismo, baseado na cadeia do ser, defendia que todas as raças humanas descendiam de uma mesma dupla ancestral, Adão e Eva. Já o poligenismo, mais reacionário, afirmava que diferentes grupos raciais tinham ancestrais distintos, cada um com seu próprio “casal” de Adão e Eva. Essas ideias, junto da frenologia e da eugenia, fundamentavam o racismo científico do século XIX (Gould, 1991, p. 26-38). Os sino americanos, estigmatizados por essa lógica racista do século XIX, eram depreciados tanto fisicamente quanto em relação aos seus hábitos e costumes. Embora a influência do racismo científico tenha diminuído após a Primeira Guerra Mundial, a discriminação persistiu por meio do racismo cultural, que foca principalmente na condenação de práticas e formas de expressão de diferentes grupos, como a alimentação, além de incluir aspectos biológicos (Wieviorka, 2009, p. 42-50).

A fluidez do racismo cultural está ligada à criação de estereótipos sobre as práticas das populações. O conceito de racismo culinário, que já tinha manifestação no século XIX, tornou-se mais forte e versátil no século XX, a partir do racismo cultural. O racismo culinário envolve o desprezo pelos alimentos e práticas alimentares de um grupo, refletindo na depreciação de sua identidade, já que a

culinária é aspecto fundante das identidades humanas (Perlès, 1998, p. 30-38). O alimento como formador de identidade, parte do princípio que esse elemento não é apenas encarado como recurso utilitário, mas também de prazer (Franco, 2010, p. 9-16).

A comida envolve forte identificação por gerar um processo sensorial sinestésico, envolvendo o cheiro, a aparência, a textura e o gosto, que são captados pelas papilas gustativas e reforçados pelo olfato, o qual tem um forte poder mnemônico (Spence, 2017, p. 30-33). A memória olfato-gustativa cria sensações prazerosas e associações a cenários agradáveis (Bartoshuk; Duffy, 2017, p. 21-23). O alimento também contribui para a ideia de pertencimento, o que faz com que o desconhecido se torne exótico gerando estranhamentos (Porteous, 2006, p. 90-94). Entre os séculos XVI e XVIII, as hierarquizações de povos pela Europa influenciaram os hábitos alimentares, criando uma régua gustativa baseada em uma perspectiva eurocêntrica que definia “boas” e “más” receitas (Franco, 2010, p. 121).

No século XIX, a métrica gustativa ocidental definia o que era considerado um “bom prato”. O que se afastava do padrão europeu era visto como inferior, com os alimentos dito “exóticos”, sendo desvalorizados em comparação ao “usual”. Entre os séculos XVII e XVIII, a França, com sua indústria de luxo, conquistou a nobreza europeia, tornando seus pratos e temperos referências de superioridade gastronômica. No século XIX, os hábitos burgueses, fortemente inspirados nas tradições nobiliárias, e o imperialismo, fortaleceram as percepções eurocêntricas, enquanto o racismo científico reforçava a ideia de “debilidade cognitiva”, influenciando as opiniões gustativas (Franco, 2010, p. 120-160).

No século XX, a “métrica gustativa” ainda influenciava a opinião pública. A culinária chinesa nos EUA continuou sendo desprezada até a metade desse século, e inclusive, após 1949, com a Guerra Fria e a Revolução Chinesa, os EUA criaram narrativas negativas sobre os chineses, tanto sobre o Estado quanto sobre o povo, retratando-os com hábitos repulsivos. Essas táticas de *Soft Power*, onde os sínicos eram

descaracterizados enquanto devoradores universais, partia de antigos tabus, como o consumo, que nunca foi usual, de caninos, de forma que esses movimentos visavam garantir o apoio popular diante de medidas da ordem do *Hard Power* (Rothman, 2011, p. 49-57).

Após o fim da Guerra Fria, em 1991, a diversidade culinária tornou-se mais aceitável, com a quebra de antigas barreiras. No entanto, isso não significa que os preconceitos sobre alimentos de outras culturas tenham desaparecido. O “racismo culinário” persiste no século XXI, tendo um poder discriminatório alicerçado em heranças do século XIX (Nye, 2021, p. 201-205). Nesse contexto multipolar, os diferentes estados visam ampliar suas influências. A China, enquanto nação emergente, que ameaça a soberania ocidental, tornou-se alvo de críticas e estereótipos do eixo EUA-Europa (Huntington, 1997, p. 26-34). Como ficará evidente por meio das fontes analisadas em seções posteriores, a discriminação da culinária sino americana no século XXI se direciona mais a essa cozinha em si, ou a um estabelecimento específico, do que em relação a um bairro ou distrito.

Esse traçado sobre as bases do “racismo culinário” e da “métrica gustativa”, envolvendo vertentes do racismo científico e cultural, tem o objetivo de servir de suporte teórico para o debate que está por vir sobre as práticas de inferiorização direcionadas à culinária e alimentação dos redutos sino americanos entre os séculos XIX e XX. No entanto, antes de detalhar tais processos de discriminação alimentar, o texto focará na longa tradição da culinária chinesa, explicando seus elementos que foram introduzidos nos EUA pelos migrantes sino americanos no século XIX.

3. A tradição da culinária sínica e sua chegada aos EUA

A culinária chinesa, assim como outras, é moldada por influências e heranças ao longo do tempo. Hábitos e costumes evoluem, criando tradições com base nos interesses culturais de um grupo (Hobsbaw; Ranger, 1997, p. 10). Antes da Era Neolítica, sabe-se pouco sobre como era a alimentação dos povos sínicos, mas existem registros de aves, suíños e até caninos servindo de alimentos. Durante a

dinastia Zhou (1066-221 a.C.), grãos como trigo, arroz, milho, cevada e milheto eram a principal fonte de energia, de forma que a proteína animal era complementar. Pratos sofisticados, preparados para a monarquia, incluíam composições complexas e especiarias caras (Zhayouan, 2015, p. 8). A ideia de equilíbrio entre corpo e mente persiste nessa culinária diversa, o que reforça uma dieta plural, indo além de pratos que foram ocidentalizados como o *Yakimeshi* e o *Yakisoba* (Couto, 2008).

A variedade de receitas advindas da China reflete a diversidade de grupos étnicos do país, porém os pratos mais difundidos globalmente foram os da dinastia Han (202 a.C. – 220 d.C.), que incluíam ingredientes derivados da soja, carnes e frutos do mar fermentados, comuns desde a antiguidade (Zhayouan, 2015, p. 8). Os Han, que representam 93% dos 1,4 bilhões de chineses, têm como prato mais famoso o Chop Suey, que chegou aos EUA no século XIX e foi americanizado. Originalmente, essa receita caseira era consumida por trabalhadores chineses na costa oeste. No final do século XIX, devido ao movimento antichinês, os restaurantes de “Chop Suey frito” se tornaram locais de resistência e sustento para esses indivíduos, que enfrentavam discriminação racial e inferiorização culinária. O abandono da receita tradicional gerou uma nova culinária chinesa americanizada, uma que apetecia os gostos locais (Liqun, 2020, p.31).

O “racismo culinário”, como será mostrado, possui nuances, com alguns indivíduos rejeitando tanto a comida quanto o povo, enquanto outros desprezam o grupo, mas apreciam sua culinária, pois a experiência alimentar envolve aspectos biosensoriais que vão além da cultura. A seguir, será explorada a migração dos chineses nos EUA, sua inserção urbana e as formas discriminatórias sobre a culinária chinesa.

4. A Febre do ouro, o nascimento e a exclusão das Chinatowns: Migração, exclusão e inferiorização sínica nos EUA (1820 – 1900)

O processo migratório de populações de origem sínica para os EUA fez parte das ondas de migração, do século XIX, para o país recém formado após sua guerra de independência (1775-1783) (Hunt, 2009, p. 13-26). A Guerra Anglo-American

(1812-1815) fortaleceu o Estado-Nação dos EUA, impulsionando interesses como a expansão territorial e o desenvolvimento econômico, com base na lógica do divino manifesto (Hickey, 2012, p. 305-311).

A doutrina do destino manifesto, criada em 1845 por John Louis O'Sullivan, baseava-se em preceitos religiosos, afirmando que os americanos eram predestinados por Deus a civilizar o continente. Isso envolvia a anexação do Oeste, moldando-o a partir de ideais do “progresso” e da fé cristã (Bowes, 2016, p. 95-101). A expansão territorial e a industrialização dos EUA geraram a necessidade de mais mão de obra assalariada, com os novos territórios exigindo infraestrutura e um modelo de trabalho para garantir a expansão econômica. Entre 1820 e 1870, ocorreu a primeira grande onda migratória para os EUA, com destaque para imigrantes da Irlanda e Alemanha, sendo o pico da migração entre 1880 e 1914 (Vandenbroucke, 2008, p. 81-93).

Os imigrantes chineses chegaram aos EUA entre 1849 e 1882, motivados pela formação do estado da Califórnia em 1850 e pela descoberta de ouro na região em 1849. Além da busca pelo ouro, esses imigrantes também encontraram trabalho doméstico e no campo. Na década de 1860 a empresa “The Central Pacific Railroad Company⁴” empregou cerca de quinze mil operários chineses para construir a “Transcontinental Railroad⁵”, uma ferrovia de integração que ligava o país de leste a oeste. Outra área onde esses trabalhadores foram essenciais foi na indústria Californiana durante a guerra civil, com ênfase nas de transformação vegetal. Os locais de moradia eram acampamentos provisórios (Chen, 1980, p. 41-70).

A ida dos sino-asiáticos para os EUA também dependeu de fatores internos na China, como as Guerras do Ópio e a Rebelião de Taiping, conflitos prolongados entre 1839 e 1864, que impulsionaram a busca por oportunidades no continente americano. O caos econômico, a fome e a pobreza, marcaram a China em meados do século XIX, dessa maneira a ineficiência do governo chinês em manter a paz social,

⁴ Companhia ferroviária do Pacífico central.

⁵ Ferrovia Transcontinental.

levou milhares de indivíduos a migrarem. Esses fatores, ao lado da ideia de “trabalhadores baratos”, geraram interesses dos dois lados do pacífico pelo movimento migratório sínico (Holland, 2009, p. 150-152).

Ao se analisar documentos do “National Archives and Records Administration⁶” (NARA) como o “Chinese Immigration and Chinese in The United States⁷”, fica evidente que dos mais de 32 milhões de indivíduos que migraram para os EUA entre 1820 e 1930, os chineses compuseram cerca de 300 mil indivíduos (Lowell, 1996, p. 1-3). Em 1850, os chineses que viviam nas grandes cidades dos EUA, especialmente em São Francisco, não tinham uma área de moradia centralizada, estando espalhados pela cidade. O ponto de encontro comum em São Francisco era o Rincon Point, conhecido como “China Point”, que era próximo à Baía, onde ficavam os mercados de pesca. Para além desse ponto de concentração, havia também lavanderias, farmácias e restaurantes chineses, como o famoso “Little Canton” (Chen, 1989, p. 57). Os pratos mais comuns eram os cozidos, “Curries” e refogados de vegetais com porco. Apesar dos preconceitos, muitos estadunidenses visitavam e apreciavam esses espaços (Liu, 2015, p. 20).

A Chinatown de São Francisco, a primeira dos EUA, é datada de 1853, e era situada entre as ruas Stockton e Kearny. Com poucos estabelecimentos, como restaurantes, o cotidiano desse lugar envolvia trabalho, alimentação, serviços básicos e moradias. Os sínicos, inseridos nesse novo contexto, tinham interesse central em recriar sua antiga realidade nesse novo local. Seja pela língua, pelos cheiros, sabores e elementos iconográficos, a identidade desse lugar evocava o exótico. A singularidade era a marca da integração desse grupo ao espaço urbano (Chen, 1980, p. 57-59). Até 1880, pouco se alterou nessa culinária, mas os restaurantes chineses adaptaram pratos como o “Chow Mein” para incluir carne bovina, que era a principal proteína animal

⁶ Arquivos Nacional e Administração de registros.

⁷ Imigração chinesa nos Estados Unidos.

consumida pelos anglo-americanos. Além disso, o arroz se tornou mais comum (Liu, 2015, p. 33-34).

A grande presença desse grupo étnico na “Costa Dourada” gerou percepções contraditórias, sendo visto como essencial para o desenvolvimento regional, mas também alvo de preconceitos e estereótipos. Desde a década de 1860 havia grandes debates raciais no interior da política, do mundo trabalho e nas ciências sobre o local que o chinês ocupava no interior do tecido social. O sínico era entendido como obediente e barato, sendo mais produtivo que o mexicano e mais dócil que o negro, porém ainda assim inferior ao branco. Seja pela justificativa da raça ou da religião, esse grupo era considerado incivilizado para receber plena cidadania estadunidense. A histeria sinofóbica marcou a Califórnia desde a década de 1850 e se intensificou após a crise global de 1870, culminando no “The Chinese Exclusion Act of 1882” que proibiu a entrada de chineses nos EUA por 10 anos, gerando deportações e restrições à cidadania para esse grupo (Black, 1963, p. 59-65).

O governo dos EUA, a partir do racismo científico, incentivava a imigração de europeus, especialmente anglos, germânicos e escandinavos, enquanto a sinofobia crescia entre os trabalhadores brancos, que viam os baixos salários dos chineses como uma ameaça aos seus empregos e salários (Seager II, 1959, p. 58-59). A reação sinofóbica não se limitou aos conservadores. Grupos que defendiam direitos trabalhistas, como o “Friends of Labour⁹”, se opunham à cidadania e presença chinesa nos EUA, alegando que esse grupo representava uma competição injusta para os trabalhadores americanos. Indivíduos mais à esquerda como o jornalista John Swinton, que orgulhosamente entrevistou Marx em 1880, e em 1894 lançou o livro de defesa à greve e direito aos trabalhadores, “Striking for Life¹⁰”, se opunha aos sínicos a partir dos fundamentos da raça, política, moralidade e economia. Swinton

⁸ Lei de exclusão chinesa de 1882.

⁹ Amigos dos Trabalhadores.

¹⁰ Protestando pela vida.

entendia que esse grupo migrante empobrecia os “trabalhadores nacionais”, beneficiando o enriquecimento dos mais ricos (Black, 1963, p. 65-66).

Os grupos sino americanos, especialmente em cidades como São Francisco, Nova Iorque e Los Angeles, reagiram ao clima de perseguição e difamação se isolando nas “Chinatowns”, que se tornaram uma espécie de “fortaleza” e refúgio, devido ao clima de união e defesa de suas identidades. Nessas áreas, a culinária chinesa era consumida nas casas e restaurantes, como o Macau e o Woosung em São Francisco, que desde meados do século XIX serviam os trabalhadores da comunidade, ou entusiastas não sínicos. Entre 1882 e 1943, o simbolismo de “muralha” das Chinatowns reforçava a identidade divergente desses locais aos forasteiros. A presença de transeuntes brancos nesses territórios era vista como marcante e suspeita pelos moradores (Chen, 1980, p. 179-184).

Apesar das suspeitas, em muitos casos os forasteiros só estavam curiosos em relação ao cotidiano dessas comunidades e seus hábitos alimentares. Parte da população apreciava pratos, como o “Chow Mein”, enquanto outros consideravam eles nocivos por pressuporem que os chineses eram “sujos”, comedores de ratos. Esse estereótipo, vindo dos britânicos, invadiu o pensamento americano. Mark Twain, em sua obra *Roughing It*, comentou que ao visitar um restaurante chinês, temia que havia sido servido de uma cesta com ratos fritos (Liu, 2015, p. 35-39).

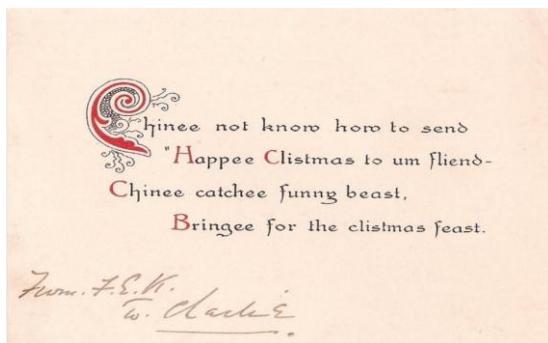
O século XIX também foi palco de registros imagéticos sinofóbicos. A maioria dos documentos estadunidenses desse tipo, focaram em questões fenotípicas. Porém, há um relevante registro de racismo culinário contra os sínicos, de conteúdo similar ao da obra mencionada, de Twain. No final do século XIX e começo do século XX (1870-1920) a empresa gráfica *Raphael Tuck & Sons*, sediada em Londres, mas com venda de seus produtos nos EUA, produziu um cartão postal natalino caracterizando o imigrante chinês como um devorador de cachorros.

Figura 1: Cartão Postal natalino sinofóbico



Fonte: <https://www.tuckdbephemera.org/items/23189-wishee-mellee-christmas-man-holding-axe-walks-right-with-dog/picture/1,%201870%20%20%20%20%93%201920>.

Figura 2: Verso do cartão postal insinuando que o cachorro seria alimento



Fonte: <https://www.tuckdbephemera.org/items/23189-wishee-mellee-christmas-man-holding-axe-walks-right-with-dog/picture/2,%201870%20%20%20%20%93%201920>.

O desenho do postal caracteriza o chinês como um devorador de animais domésticos, com ênfase no cachorro. A frase no verso do cartão fecha a composição racista: “O chinês não sabe como mandar feliz natal, então ele leva uma besta engraçada para o banquete de natal¹¹” (Raphael Tuck & Sons, 1870 – 1920, tradução nossa). O conjunto diminui o intelecto dos chineses, visível pelo inglês errôneo aplicado na narrativa do cartão, além de elaborar uma imagem de perversão inerente a tal povo, pelo fato de que o cachorro, um animal doméstico tradicionalmente pensado como companheiro no ocidente, está sendo registrado como um alimento. Certamente a delimitação de quais animais são comestíveis é fluida, dependendo de horizontes culturais. No entanto, a imagem reforça que o chinês seria um devorador de animais que eram inaceitáveis de serem lidos como alimento no ocidente (Vialles,

¹¹ Chinee not know how to send “Happee Clistmas to um fiend-Chinee catchee funny beast, Bring for the clistmas feast” (Raphael Tuck & Sons, 1870 – 1920).

1994, p. 7-19). A problemática é que o registro se baseia em narrativas antigas, sobre um hábito alimentar que nunca foi comum entre os sínicos, produzindo um falseamento racista sobre os chineses e os sino americanos. Imagens desse tipo tiveram plena circulação nos EUA do século XIX até o final da segunda guerra mundial.

As diferentes práticas discriminatórias culminaram no surgimento de adjetivos pejorativos como “Chinaman” e “Riceaters¹²”. O ato de exclusão chinês aliado à depressão econômica de 1870, tornaram os últimos 30 anos do século XIX, um período conturbado para os sino americanos (Liu, 2015, p. 41-52). Mudanças significativas só viriam a ocorrer a partir do século XX, período em que os direitos dos sino americanos foram ampliados, assim como a aceitação da culinária chinesa cresceu devido à sua massificação, o que repercutiu diretamente na valorização das Chinatowns, já que esses antigos locais menosprezados eram o berço dessa culinária.

5. Entre o *Panda Express* e o *Dirty Chinese Restaurant*: Integração dos espaços e culinária sínicos e a persistência do Racismo Culinário Sinofóbico (1900 – 2024)

O século XX trouxe mudanças para os sino americanos, com a década de 1910 marcando o surgimento de restaurantes chineses fora das Chinatowns, que popularizaram o “Chop Suey”. Na década de 1920, esse prato foi enlatado, sinalizando o início da comida chinesa mais adaptada ao gosto americano, como a versão “China in Box” (Liu, 2015, p. 41-65).

Apesar disso, a situação das populações sínicas dos EUA se mantinha complexa, envolvendo adversidades como a pobreza e a criminalidade. A melhoria concreta só se deu a partir de 1943, quando o presidente Franklin D. Roosevelt promulgou o “Magnuson Act¹³” em 1943, popularmente conhecido como “Chinese Exclusion Repeal Act¹⁴”. Essa lei garantiu cidadania e direito ao voto aos sino

¹² “Comedores de arroz”.

¹³ Lei Magnuson.

¹⁴ Lei de revogação à exclusão chinesa.

americanos. Em 1943 a população chinesa nos EUA compunha 0,05% da população total, sendo cerca de 78 mil indivíduos na época. O que restou ao menor grupo étnico dos EUA no período, foram movimentos de integração dessas comunidades às suas cidades e ao modo de vida americano. As “Chinatowns” fortalezas tiveram seus muros simbólicos solapados em prol da maior circulação humana (Chen, 1980, p. 191-205).

O período entre 1943 e 1980 foi marcado pela incorporação dos hábitos estadunidenses por essa população, fato favorecido por novas leis que baniam a discriminação. Nas décadas de 1960 e 1970, o crescimento do mercado imobiliário levou à destruição de várias Chinatowns, sendo elas substituídas por empreendimentos comerciais e residenciais, além de garantir a expansão da malha viária. As populações sino americanas se espalharam pelas cidades, e, com novas migrações, essa etnia chegou a cerca de 800 mil indivíduos em 1980 (Chen, 1980, p. 211-235). Em um movimento ascendente, os restaurantes chineses se tornaram cada vez mais populares, inclusive adentrando os sistemas de fastfood, com a famosa rede *Panda Express* em 1983. Esse fato sinalizou a massificação e maior aceitação da culinária chinesa, através de sua adequação ao gosto americano (Liu, 2015, p. 140-149).

A destruição das Chinatowns fez parte de um fenômeno global, que durou do Pós-segunda guerra até meados da década de 1970, que buscou a uniformização dos espaços, onde o velho e diferente foi solapado em prol de edificações modernas padronizadas (Relph, 2016, p. 25). Essas demolições fizeram com que apenas cerca de 50 desses locais restassem nos EUA atual. A justificativa para isso envolvia o interesse pela otimização do espaço público (Chen, 1980, p. 248-268).

Essa longa, e disseminada, destruição entre 1940 e 1980, gerou uma reação em prol da valorização de lugares peculiares e “únicos” das cidades, muitos deles que haviam sido desde sempre depreciados. A preservação se tornou reivindicação dos seus habitantes, simpatizantes e defensores de patrimônios. Seja pela relevância da

identidade, memória e história desses lugares, ou por interesses escusos e mercadológicos, como a gentrificação, esses locais passaram a ser defendidos. Aos antigos habitantes dos locais desmantelados, o velho cotidiano estava aniquilado, tendo eles de buscar novos espaços sem os velhos significados. No entanto, a permanência física dos que restaram não significou a persistência das dinâmicas cotidianas que eram usuais. Em seu interior esses locais estavam moldados, tendo eles se tornado eixos gastronômicos e turísticos, sem as vivências, tradições e isolamento, de outrora (Relph, 2016, p. 25-27). A imagem física da diferença se manteve, porém apenas na superfície, já que a identidade ganhou contornos mercadológicos relacionados à variedade culinária oriental

Após 1980 os restaurantes sino americanos tiveram facilidade de disseminação nas cidades estadunidenses. Isso significa que além da ocupação de territórios que iam além das fronteiras das Chinatowns, esses estabelecimentos também se ampliaram em número. Negócios familiares, restaurantes mantidos por investidores e redes de fastfood, como *P.F. Chang's* e *Panda Express* passaram a ocupar diferentes bairros das grandes cidades dos EUA. Lugares plurais e variados que se formaram a partir da lógica de mercado, como os shoppings centers, passaram a ter restaurantes chineses. Esses locais tornaram o contato com a comida chinesa mais acessível aos indivíduos de ancestralidade não sínica, permitindo o abrandamento de percepções estereotipadas sobre a alimentação chinesa (Liu, 2015, p. 119-135).

Desde 1943, a qualidade de vida da população sino americana melhorou social e culturalmente, com mudanças nas percepções raciais, o que surtiu efeitos institucionais e na opinião popular. No entanto, o racismo persiste, tendo presença nas narrativas e pensamentos cotidianos, propiciando atitudes de discriminação, inclusive alimentar, embora com conotações híbridas, envolvendo tanto a dimensão biofenotípica quanto cultural. Essas questões fazem parte da história de aceitação, assimilação e sucesso da culinária chinesa nos EUA, inclusive com o surgimento da versão sino americana. Isso significa que há uma condição dupla, e contraditória, no imaginário alimentar estadunidense em relação às heranças gastronômicas sínicas. Isso

porque o sucesso desses empreendimentos denota um amplo público que aprecia esses pratos, enquanto que a disseminação de imagens sinofóbicas permanece existente. O racismo do século XXI, com sua faceta culinária, não se expressa, nem se fundamenta na inferiorização total do outro como aquele do século XIX. Uma mesma sociedade pode menosprezar um grupo, mas ainda assim tomar gosto por algumas de suas práticas, como aquelas que são culinárias (Wiewiorka, 2009, p. 47-50).

A persistência dos estereótipos de inferiorização é vista no século XXI de forma mais explícita, principalmente a partir de dados midiáticos, sendo tais informações disseminadas rapidamente por via digital e pela internet (Wiewiorka, 2009, p. 159-163). Uma fonte que evidencia essa forma de racismo do século XXI, com destaque para a questão alimentar, e sua rápida velocidade de propagação, é o caso do jogo para celular intitulado *Dirty Chinese Restaurant*¹⁵, que foi cancelado após seu polêmico anúncio em 2017 (Big-o-Tree, 2017). Isso fica evidente na seguinte imagem abaixo que foi retirada do trailer do jogo:

Figura 3: Cena do jogo *Dirty Chinese Restaurant*



Fonte: <https://www.grubstreet.com/2017/09/racist-video-game-dirty-chinese-restaurant-lets-players-hunt-dogs.html,%202017>.

Evocando antigos preconceitos culinários direcionados ao sínicos, a imagem demonstra um chefe de descendência chinesa, o protagonista, caçando um gato. Em outras cenas do trailer, o mesmo indivíduo surge caçando cachorros e ratos, e coletando vegetais em lixeiras. Essa composição, apesar de ter sido rechaçada, expõe resquícios da ideia racista, similar à do século XIX, de que os chineses, enquanto

¹⁵ Restaurante chinês sujo.

grupo mongólico menos avantajado, teriam noções de higiene mais rudimentares, além de serem devoradores universais (Liu, 2015, p. 2-3). Como os paradigmas do século XXI sobre raça são outros, o jogo nem sequer teve possibilidade de lançamento. Porém, o reavivamento desse tipo de narrativa repercute e instiga práticas racistas e discriminatórias nocivas no tempo imediato, isso perceptível pelo caso exposto abaixo.

Em janeiro de 2024 o grupo de notícias *ApNews* publicou uma matéria com o chefe de cozinha David Ravasong, sobre os problemas que seu restaurante *Love & Thai*, sediado em Fresno na Califórnia, vinha enfrentando. Ravasong comentou que em 2023 ele teve de fechar seu restaurante por cerca de seis meses devido à desinformação nas redes sociais, sobre um caso de maus-tratos caninos que ocorreu próximo de seu estabelecimento. Uma denúncia sobre um cão da raça pitbull que estava acorrentado, fez com que um grande número de internautas dissesse que Ravasong seria o culpado, enquanto outros o acusavam de ser um “devorador de cães”. Não bastando o fato que Ravasong percebeu como o racismo aos orientais poderia gerar reveses financeiros, importa comentar que ele notou que existe um processo de generalização em relação às populações do extremo oriente, já que por ser de origem laociana, ele ainda assim foi considerado como chinês (Tang, 2024). Esse caso expõe a fluidez do racismo culinário, já que ele não precisa incidir sobre um território ou local específico, como se dava com as Chinatowns, mas sim sobre a cultura alimentar de um povo como um todo, onde quer que ela seja, ou se creia que seja praticada, o que gera consequências aos descendentes de asiáticos.

6. Conclusão

A partir da combinação dos conceitos de racismo culinário e território, o texto permitiu a verificação de como se deu a segregação espacial dos chineses nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX, assim como sobre quais foram, e são, as formas de discriminação fenotípico-alimentar praticadas contra eles que reforçavam a condição de excluídos. A partir da exposição do processo de migração sínica para os EUA e do surgimento das Chinatowns, ambos no século XIX, foi-se possível

demonstrar, por meio da análise das fontes, a existência de práticas de racismo culinário sinofóbico contra essas comunidades, o que impactava na identidade e no cotidiano desses locais. A discussão seguiu em evidenciar o desmantelamento das Chinatowns, situando que apesar dos esforços institucionais em prol da erradicação do racismo, os preconceitos culinários ainda persistem, porém de forma difusa, sem que o alvo seja um território específico com sua comunidade.

A relação com o alimento é influenciada por “apegos” culturais e bioquímicos, sendo também moldada por um chauvinismo culinário político-racial visível desde o século XIX. Além disso, o cotidiano gustativo cria familiaridade, gerando um senso de “conforto” e de pertencimento, que envolve o local e o território onde essa experiência gustativa é realizada, aspecto que se inscreve no campo mnemônico (Long, 2017, p. 132-134). É nesse sentido que se pode perceber a relação entre práticas de racismo culinário com locais e territórios que são historicamente excluídos. A segregação de indivíduos e seus locais de vivência, e cotidiano, envolve procedimentos de inferiorização fenotípico-intelectual, que são marcas evidentes, e relembradas do racismo (Wiewiorka, 2009, p. 47-50). No entanto, as diferentes fontes expostas sugerem que a alimentação, enquanto prática formadora de identidade e que significa o mundo, é também veículo de poder, envolvendo comparações nocivas e pejorativas, que hierarquizam os alimentos a partir de uma “métrica gustativa”.

A alimentação dos sínicos em suas Chinatowns se tornou elemento fundante e estrutural da identidade desses locais. No interior desses territórios, essas receitas eram marca de orgulho e resistência, enquanto que, antes da segunda metade do século XX, aos forasteiros de ascendência europeia tais práticas alimentares envolviam estranhamentos e esteriotipização. Esses preconceitos também marcavam tais territórios, isolando-os enquanto pontos de inflexão nas cidades (Relph, 1976, p. 44-48). No tempo presente, seja pela destruição ou desconfiguração desses espaços tradicionais, o racismo culinário perdeu parte de sua associação com territórios e suas comunidades, assumindo forma mais fluída e abrangente, se destinando à discriminação global da alimentação de diferentes etnias. A persistência do racismo

culinário, mesmo que com novas feições, se dá pela confluência entre heranças do racialismo, a disseminação midiática de estereótipos, assim como a permanência de barreiras gustativas (Regnier, 2009, p. 134-137).

Apesar da adequação de receitas milenares chinesas, ter permitido maior aceitação entre os estadunidenses por essa culinária, isso não significa que o racismo culinário desapareceu, mas sim que foi requalificado (Liu, 2015, p. 157-158). Em uma sociedade marcada pelo consumo de ultraprocessados, carnes embutidas e açúcares complexos, os estranhamentos e ataques aos alimentos não convencionais se tornam apreensíveis. Os aspectos socioeconômicos reforçam práticas e percepções preconceituosas, pois as massas, com poder aquisitivo limitado, dependem desses ultraprocessados encontrados nos supermercados, sendo esses elementos os referenciais de “comum” para a alimentação. Mesmo que grupos de maior renda tenham se aberto às experiências gustativas, ainda há forte resistência alimentar no imaginário popular dos EUA, o que mantém noções de inferiorização em relação à culinária de outras culturas presentes no país (Pillsbury, 1998, p. 187-200).

REFERÊNCIAS

BARTOSHUK, Linda; DUFFY, Valerie. Chapter 2: Chemical Senses, Taste and Smell. In: KORSMEYER, Carolyn. **The Taste Culture Reader**. Londres: Bloomsbury Academic, 2017, p. 21-28

BLACK, Isabella. American Labour and Chinese Immigration. **Past & Present**. Oxford, n. 25, p. 59-76, Julho, 1963.

BOWES, John. Chapter 5: US Expansion and Its Consequences, 1815-1890. In: HOXIE, Frederick. **The Oxford Handbook of American Indian History**. New York: Oxford University Press, 2016, p. 93-110.

CHEN, Jack. **The Chinese of America**. São Francisco: Harper e Row Publishers, 1980.

COUTO, Sérgio. **A extraordinária história da china: cultura, religião, economia, política, sociedade tecnologia e lendas**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

FRANCO, Ariovaldo. **De Caçador a Gourmet: Uma História da gastronomia**. São Paulo: Senac, 2010.

GODOY, Arilda. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n. 2, p. 57-63, Abril, 1995.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**. v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

GOULD, Stephen. **A Falsa Medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do Outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HICKEY, Donald. **The War of 1812: A Forgotten Conflict**. Chicago: University of Illinois Press, 2012.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLAND, Kenneth. A History of Chinese Immigration in the United States and Canada. **American Review of Canadian Studies**. Bridgewater, v. 37, n. 2, p. 150-160, Novembro, 2009.

HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos: Uma História**. São Paulo: Edirtora Schwarcz, 2009.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. São Paulo: Objetiva, 1997.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de Cidade e Urbano. **Espaço e Tempo**. N. 24, p. 109-123, 2008.

LIQUN, Yu. A difusão da comida chinesa no Ocidente: Uma investigação de um prato chinês americanizado. **Ludong University Journal (Philosophy and Social Sciences Edition)**. v. 37, n. 5, p. 31-36, 2020.

LIU, Haiming. **From Canton Restaurant to Panda Express: A History of Chinese Food in The United States**. New Jersey: Rutgers University Press, 2015

LONG, Lucy. COMFORT FOOD IN CULINARY TOURISM: NEGOTIATING “HOME” AS EXOTIC AND FAMILIAR. In: JONES, Michael Owens; LONG, Lucy. **Comfort Food: Meanings and memories**. Jackson: University of Mississippi Press, 2017, p. 126-149.

LOWELL, Waverly. **Chinese Immigration and Chinese in The United States.** Washington D.C.: National Archives and Records Administration, 1996.

MARTINS, Heloisa Helena. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa.** v. 30, n. 2, p. 289-300, Agosto, 2004.

NYE, Joseph. Soft Power: The Evolution of a Concept. **Journal of Politic Power.** v. 14, p. 196-208, Fevereiro, 2021.

PERLÈS, Catherine. As Estratégias Alimentares nos Tempos Pré-Históricos. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 29-41.

PILLSBURY, Richard. **No Foreign Food: The American Diet in Time and Place.** Boulder: Westview, 1998.

PORTEOUS, Douglas. Chapter 7: Smellscape. In: DROBNICK, Jim. **The Smell Culture Reader.** Nova Iorque: Berg, 2006, p. 89-106.

REGNIER, Foustine. Chapter 9: How We Consume New Products: The Example of Exotic Foods (1930–2000). In: BARBOSA-CÁNOVAS, Gustavo; COLONNA, Paul. **Global Issues in Food Science and Technology.** Cambridge: Academic Press, 2009, p. 129-144.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness.** 1 ed. Londres: Pion Limited, 1976.

RELPH, Edward. Chapter 1 – The Paradox of Place and the Evolution of Placelessness. In: FRESSTONE, Robert; LIU, Edgard. **Place and Placelessness Revisited.** Nova Iorque: Routledge, 2016, p. 20-34.

ROTHMAN, Steven. Revisiting the Soft Power Concept: What Are the means and the mechanisms of Soft Power? **Journal of Politic Power.** v. 4, n.1, p. 49-64, Abril, 2011.

SANTOS, Christian Fausto Moraes; CAMPOS, Rafael Dias da Silva. Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setecentista. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1215-1234, 2014.

SCHMIDT, Benjamin. **Inventing Exoticism: Geography, Globalism and Europe's Early Modern World.** Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2015.

SEAGER II, Robert. Some Denominational Reactions to Chinese Immigration to California, 1856-1892. **Pacific Historical Review.** Berkeley, v. 28, n. 1, p. 49-66, Fevereiro, 1959.

SEYFERTH, Giralda. A INVENÇÃO DA RAÇA E O PODER DISCRICIONÁRIO DOS ESTEREÓTIPOS. **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 175-203, 1995.

SPENCE, Charles. Chapter 3: Multisensory Flavour Perception. In: KORSMEYER, Carolyn. **The Taste Culture Reader**. Londres: Bloomsbury Academic, 2017, p. 29-36.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar; PIREHOWSKI Dariane. O Conceito de Lugar e Suas diferentes Abordagens. **Perspectiva Geográfica**. v. 9, n. 11, p. 1-10, 2014.

TANG, Terry. California restaurant's comeback shows how outdated, false Asian stereotype of dog-eating persists. **ApNews**, 04, janeiro, 2024. Disponível em: <https://apnews.com/article/asians-eat-dog-food-restaurants-stereotypes-d81b0459d9725e950d00fad1e856a94>. Acesso em: 07 de Jan. 2025.

TUCK & SONS, Raphael. Cartão Postal Natalino com Chinês estereotipado. 1870 – 1920. Cartão Postal, TuckDB Ephemera, Disponível em:<<https://www.tuckdbephemera.org/items/23189-wishee-mellee-christmas-man-holding-axe-walks-right-with-dog/picture/1>>. Acesso em: 07 de Jan. 2025.

TUCK & SONS, Raphael. Verso do cartão postal indicando o interesse de se devorar o cachorro. 1870 – 1920. Cartão Postal, TuckDB Ephemera, Disponível em:<<https://www.tuckdbephemera.org/items/23189-wishee-mellee-christmas-man-holding-axe-walks-right-with-dog/picture/1>>. Acesso em: 07 de Jan. 2025.

VANDENBROUCKE, Guillaume. The U.S. Westward Expansion. **International Economic Review**. Filadélfia, v. 49, n. 1, p. 81-110, Fevereiro, 2008.

VIALLES, Noelia. **Animal to Edible**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1994.

WIEWIORKA, Michel. **El Racismo: Una Introducción**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2009.

ZHAOYUAN, Lu. China - un tesoro culinario milenario Propuesta de una ruta culinaria por China para turistas europeos. **Trabajo Fin de Grado**. Universidade Politécnica de Valencia, Gandia, 2015.